

Divulgação

Marcelo Soares/Divulgação

Nasce uma (grande) parceria

‘Mantra Concreto’ reúne 15 poemas de Paulo Leminski musicados pelo gaúcho Vitor Ramil

Por Affonso Nunes

Muitos foram os artistas que fizeram do isolamento social imposto pela pandemia um momento não apenas de reflexão, mas de criação. O cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil. O irmão caçula de Kleiton e Kledir mergulhou de cabeça na obra poética de Paulo Leminski (1944-1989), um dos expoentes da chamada da Geração Mimeógrafo, um grupo de poetas que, na década de 1970, utilizavam o mimeógrafo para publicar seus trabalhos de forma independente, sem a necessidade de grandes editoras. Como exercício artístico, passou a musicar alguns versos e quando viu tinha 15 parcerias com um dos mais importantes poetas brasileiros do século 20. Assim pode ser contada a gênese de “Mantra Concreto”, um mergulho de Ramil no universo leminskiano.

Leminski não se limitou à poesia. Foi também romancista, tradutor, crítico literário, jornalista, publicitário e até mesmo faixa preta de judô. Essa diversidade de interesses e talentos contribuiu para a riqueza e a complexidade de sua obra.

“Justamente por estar isolado em casa, fui contaminado pela poesia de Leminski. Certo dia, enquanto lia o poema ‘Sujeito Indireto’, passei a mão no violão e minha imunidade baixou. ‘Quem dera eu achasse um jeito, de fazer tudo perfeito’ logo virou canção. Nos dias subsequentes a cena se repetiu com outros poemas. Em três semanas, treze poemas,

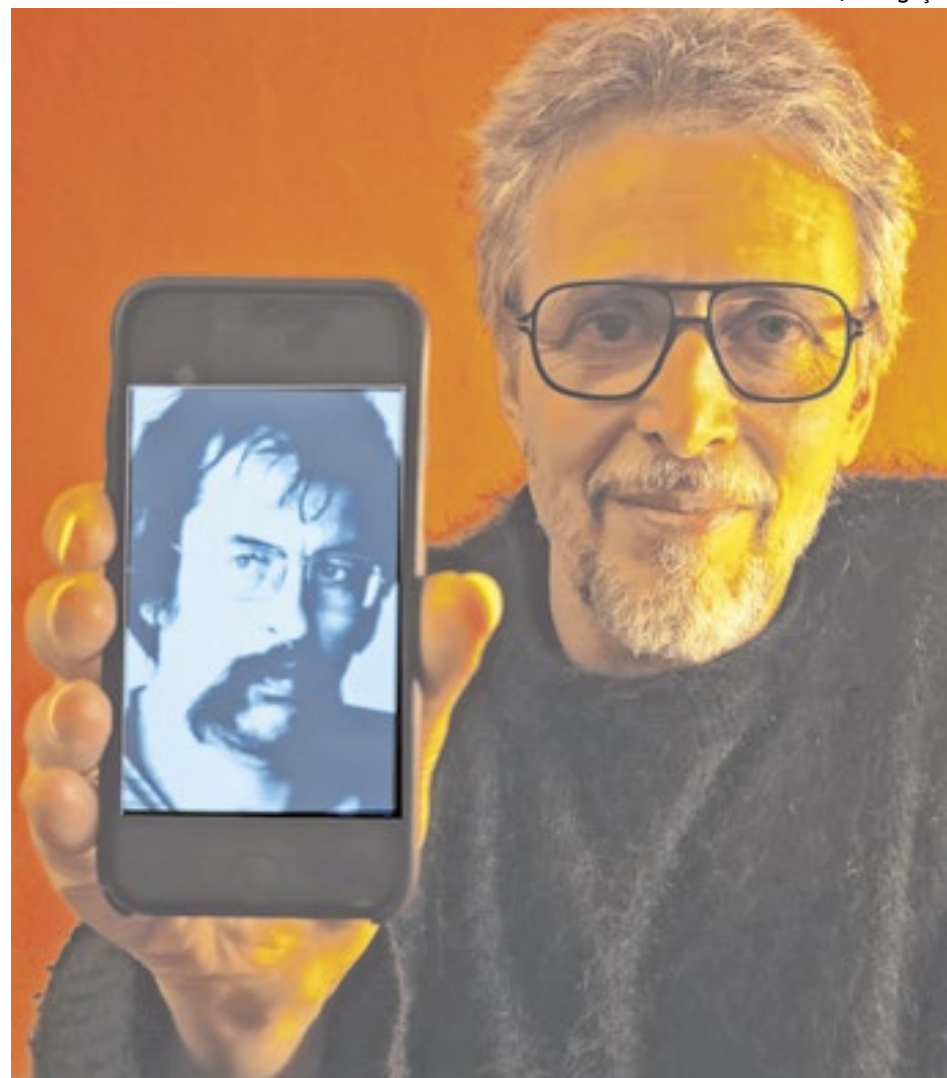


Vitor Ramil aproximou-se dos versos de Paulo Leminski durante a pandemia, quando musicou 15 poemas do curitibano. Assim nasceu o álbum ‘Mantra Concreto’

treze canções”, rebobina Ramil.

O artista chega a comparar esse processo criativo a um tipo de contágio, certamente muito mais prazeroso que aquele da covid-19. “A contaminação fora brutal. Não demorou para que o contagiante repertório tomasse meus pensamentos. Eu nunca criaria um grupo de canções tão coeso em tão pouco tempo. Anos antes já tinha musicado dois poemas dele. Agora contava então com quinze canções em parceria com Paulo Leminski. Como não pensar em um álbum?”, comenta.

O nome “Mantra Concreto”, conta Ramil, vem de um poema cujo título foi dado por ele mesmo, já que muitos poemas de Leminski não possuem título. “Os versos de ‘Mantra Concreto’ remetiam à poesia concreta, que tanto influenciou o poeta. Seu tema, de prece e pressa, com pinceladas entre o mítico e o espiritual, me fez pensar em mantras e no caráter mântico de muitas das minhas composições, que ganhavam concretude com aquela poesia clara e rigorosa. E essa expressão mantra concreto passou então a representar o conjunto das canções e a sugerir os caminhos para a concepção do álbum



como um todo: arranjos, gravações, mixagem, masterização e capa”, explica.

“Paulo Leminski, o lírico que associa o esquecimento e a chuva no telhado à felicidade, é também o cachorro louco que faz chover no nosso piquenique. O álbum precisava expressar sua personalidade e sua obra feitas de contrastes”, argumenta o novo parceiro do poeta, que teve colaboração dos co-produtores e músicos Alexandre Fonseca e Edu Martins. “Encarei o desafio trabalhando de modo minucioso e com calma. Eu estava em Pelotas, Alexandre no Rio, Edu em Porto Alegre. Os músicos convidados - André Gomes (sitar, guitarra), Carlos Moscardini (violão), Santiago Vazquez (kalimba) e Toninho Horta (guitarra) - estavam em São Paulo, Argentina, Uruguai e Belo Horizonte. Vagner Cunha (violino), José Milton Vieira (trombone) e Pablo Schinke (violoncelo) estavam em Porto Alegre. Nunca tocamos juntos, mas o resultado foi como se tivéssemos nos reunido na casa de Leminski no Pilarzinho, em Curitiba”, destaca.

Concluído o processo de gravação, Ramil acredita que a concepção de “Mantra Concreto” se mostrou coesa como o repertório. “Do som agudo mais sideral e cristalino descermos aos tremores de terra mais cavernosos,

capazes de modular a voz e tudo mais que estivesse em volta; da regularidade horizontal e geométrica dos violões, volta e meia descambamos para acentos verticais em tempos aleatórios; a limpeza mais limpa e a podreira mais podre trocaram figurinhas; música das galáxias, gotas de absinto, uma viola caipira lisérgica, uma máquina de escrever que substitui uma bateria, o ataque de um besouro-sintetizador gigante, o voo de faminhos violinos-mosquitos, um violão de nylon fantasma. No meio de tudo, a voz flutuando como um holograma. Acho que levamos Paulo Leminski a seu destino”, especula.

A capa remete ao construtivismo e ao cubo futurismo russos e também à cultura pop. “O designer Felipe Taborda apareceu com uma paródia do clássico cartaz de Rodchenko e Maiakóvski. Nada mais alta cultura e pop ao mesmo tempo, exatamente como a poesia de Paulo Leminski, em que a voz das ruas conversa com a voz interior mais elevada, em que um grafite casual ombreia com versos da maior sofisticação”.

O Correio ouviu o trabalho antes de seu lançamento, marcado para esta quinta, e celebra a mágica parceria de Vitor Ramil com Paulo Leminski, um dos melhores discos lançados neste 2024!